

no 1

DISCURSO
 RELATIVO
 A O
 ESTADO PRESENTE
 DE
 PORTUGAL,
 E
 MANIFESTO
 DA
 JUNTA SUPREMA DE SEVILHA
 PARA A CREAÇÃO
 DO
 SUPREMO GOVERNO.
 OFFERECIDOS
 A
 NAÇÃO PORTUGUEZA.

1328

- - - - - tu, dum tua navis in alto est ;
 Hoc age, ne mutata retrorsum te ferat aura.

Horacio

Antonio

LISBOA,

NA NOVA OFFICINA DE JOÃO RODRIGUES NEVES.

ANNO M. DCCC. VIII.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Casa da Gazeta, na loja de Thomaz José da Guerra de-
 frente do Collegio dos Nobres, e na de Francisco Xavier de Car-
 valho aos Martyres.

D I S C U R S O

D E L

ESTADO PRESENTE

N O T U G A

M A N I F E S T O

JUNTA SUPREMA DE SEVILLA

SUPLENTE GOBIERNO

REINO DE PORTUGAL

Hoy

L I S B O A

NA NOVA ORIGINA DE JOAO RODRIGUES NEVES

ANNO 1800

Com a licença da Real Academia de Lisboa de 1800

DISCURSO.

Livro N.º

ED-90201 f. 2

NA época presente , em que a Nação Portuguesa ainda mal convalesce dos terriveis estragos , que hum Exercito , mais abalizado em atrocidades , e rapina , do que em bravura , espalhou por toda a extensão do seu territorio , não póde deixar de ser grata a todo o Portuquez entendido a leitura do Manifesto da Junta Suprema de Sevilha , o qual (por isso mesmo que nos offerece exuberantes provas da profunda sabedoria , da incansavel actividade , e do extremado amor patriotico dos Chefes , que se achão á testa da Nação Hespanhola , cuja lealdade e valor elles tão habilmente hão dirigido para conservar e defender os direitos do seu Rei , e da sua Patria , e a nossa Santa Religião) nos faz quasi por força entrar na grata persuasão , de que a nossa Patria não tornará a soffrer o flagello do detestavel Dominio Francez , que tanto a tem assolado.

Esta persuasão , que todos devemos seguir ,

como astro brilhante de nosso futuro socego , crescerá em nós á medida que nos capacitarmos , de que as duas feições mais notaveis no character Hespanhol são = *Paciencia a toda a prova no meio das desgraças , e huma altivez , que antes os faz encarar os maiores perigos , do que supportar a humiliação.* O que bem se póde conhecer , correndo as paginas da sua Historia , nas quaes se achão muitas e mui brilhantes épocas , todas as vezes que hum Governo sabio e energico tirava partido da firmeza e valor dos Hespanhoes , despertando a sua honra.

Seremos igualmente penetrados della , fitando os olhos no vasto quadro das memoraveis façanhas , que essa Nação tem feito desde Maio passado até ao presente ; pois quem ignora , e não sabe avaliar a intrepidez , com que os habitantes de Madrid , encarando ousadamente a morte , se arremessárão desarmados aos soldados do Exercito de Murat , logo que este deixou ver os designios , com que havia entrado naquella Capital ? Quem não ouvirá com espanto , que o som do canhão , disparado pelos Francezes nas ruas de Madrid no dia dois de Maio , foi a voz do rebate universal , que , de subito , correndo por

toda a Hespanha, chamou os seus filhos ás armas, como os raios do Sol, nascendo, se espalhão n'hum momento pelo horisonte, e convidão os homens aos seus differentes trabalhos? Quem não porá os olhos de admiração, misturada do mais doce regozijo nos Chefes, que o povo, no meio da borrasca, que se levantou sobre suas cabeças, elegeo, na qualidade de Juntas Supremas, para o guiar ao seguro e feliz porto da paz e da independencia? Que outras provas mais evidentes se poderão allegar em seu abono, do que a prompta organização de grandes exercitos, — a bem acertada escolha de bravos e sabios Generaes, — a abundancia comparativa de meios para supprir todas as exigencias do Estado, — a immediata abertura de communicações com a Inglaterra, e a alliança com esta, — as medidas para fazer calar a voz dos partidos, e assim facilitar a concentração de todas as vontades, e por isso o poder geral da Nação, — e finalmente a preferencia dos interesses da patria aos seus proprios, e até á conservação de suas vidas; cujos resultados a Europa, ou para melhor dizer, o mundo inteiro tem visto com assombro nas importantes victorias de Castanhos, e nos admiraveis louros de Palafox!

Que scenas tão interessantes assim para os Portuguezes , cuja sorte he tão estreitamente ligada com a dos Hespanhoes , como para todos os habitantes do Continente da Europa! As sciencias e as artes ,, este baluarte seguro edificado pelos grandes genios para nelle acharem defesa os sagrados direitos do Homem , e a cujo abrigo as commodidades da vida , a amabilidade , e a polidez dos costumes tanto medrão , como evidentemente o mostram os illustres e venturosos periodos das Nações antigas e modernas , entre as quaes podemos contar a primeira a Inglaterra , a qual se avantajava por isso mesmo a todas ,, as sciencias e as artes , digo , que , amedrontadas pelo brado da guerra perpétua , estavam a ponto de desertar do Continente da Europa , resurgindo á voz da Regeneração Hespanhola , a hum tempo , ministrão grandes planos , e toda a sorte de meios ao Supremo Governo , desenvolvem o talento dos Generaes , fomentão o valor dos Soldados , e ensinão os deveres para com a Patria a todo o Hespanhol ; e , exultando , já contão ver desfeitas as tramas , que o Chefe dos Vandalos modernos lhes apparelhava , offerecendo-lhes huma illusoria *protecção* , ao passo que lhes arranca-

va os seus cultivadores, e os arrastava ás barbaras filéiras. Violento e pezado methodo de recrutar, mui capaz, na verdade, de pôr em breve tempo a mocidade da França, e a das Nações por ella dominadas, ao nivel dos Hotentotes, ou dos Gentios da America!

He necessario pois, meus amados Compatriotas, que, seguindo os passos da *Nação vizinha*, que tão digno exemplo nos tem dado, não affrouxemos na empreza, que tão gloriosamente havemos começado, de defender o nosso Amado e Legitimo PRINCIPE, como fieis Vassallos, — os nossos direitos, como homens, — a nossa patria, como honrados Cidadãos, — e a nossa Santa Religião, como bons Catholicos. Muitos sacrificios tem já feito a Nação Portugueza para conseguir estes bens, e, Graças ao Deos Omnipotente, cuja misericordia se nos ha mostrado em todo o seu resplendor, elles não tem sido pracatidos em vão; pois que os Patriotas Portuguezes, auxiliados dos bravos Soldados das Nações amigas, já expulsarão de todo o Portugal os barbaros, que o assolavão! Porém muito nos resta ainda para fazer. Os Francezes, que havião inundado a Hespanha, apesar das gloriosas façanhas desta Nação,

ainda pizão o seu territorio; e se os Portuguezes não podem deixar de julgar como sua a causa dos Hespanhoes, que resta que elles fação? Acaso não deveremos nós correr ao Norte da Peninsula, e, incorporando-nos com os bravos e soffredores Soldados de Palafox, combater contra essas Legiões, até agora erradamente avaliadas *invenciveis*, e assim participar da gloria, de que se hão coberto os Aragoñezes? Porventura, ainda depois de serem totalmente expulsos das Hespanhas esses instrumentos da ambição carniceira de Napoleão, não deveremos nós os Lusitanos ter parte na defesa dos Pyreneos? Quem ignora que nesse mesmo ponto nós defendemos o nosso PRINCIPE, a nossa Patria, e a nossa Religião?

He certo que os roubos, e a assolação, que os Francezes commetterão em Portugal, durante os nove mezes, que o dominarão, e outras muitas causas, tem feito hum grande rombo, assim nas rendas do Estado, como nas dos particulares; e que por isso nos parece impraticavel, que a Nação possa fazer os esforços necessarios para desempenhar os deveres, de que se acha encarregada! Mas esta he a occasião, em que a voz do Bem Commum, fazendo imperiosamente cessar todo o

espírito de partido, os méros interesses pessoais, a indolencia vergonhosa, e até a ousada maledicencia, nos deve acordar os animos, e aquecer os corações, e assim fazer que todos consideremos os deveres, as precisões, e os interesses do Estado, como nossos proprios e particulares. Então: Quem não acreditará, que Portugal, não obstante as circumstancias, em que se acha, pôde ainda desenvolver huma grande energia, e por isso tornar a possuir o distincto lugar, que teve entre as Nações da Europa nos tempos das conquistas da Africa, e do descobrimento da India?

E vós, valentes e fieis Compatriotas, que, á sombra das bandeiras Lusitanas, ides defender, nesta guerra, tudo que ha mais glorioso, mais justo, e mais sagrado, lembrai-vos dos grandes cuidados, em que fica a vossa Patria, e pensai no deploravel estado, em que a deixarão os nossos inimigos, e então vereis se he, ou não justo encarar rissonhamente as necessidades, e privações, que forçosamente vos hão de sobrevir na carreira trabalhosa, que empredeis! Imitai o soffrimento, e a paciencia dos Aragonezes, tão faltos de fato, de calçado, e até ás vezes de alimento, Quão abundantes sempre de assignalado valor! Ten-

de continuadamente diante de vossos olhos as expressões , que elles tanto merecêrão ao seu Invicto General = ,, Sua nudez , diz o Heroe de Saragoça ,, excitava ternamente a compaixão dos
 ,, peitos generos , maiormente porque nos com-
 ,, bates sempre os vi promptos , nunca os ouvi
 ,, queixar. *Vamos morrer* , me dizião elles ; e
 ,, quando pela lastimosa falta , até de trapos , com
 ,, que se cobrissem ; eu me consternava , e lhes
 ,, punha os olhos arrazados de lagrimas , leván-
 ,, tando a voz me consolavão , proferindo , *assim*
 ,, *mesmo não nos venderemos , as nossas carnes ves-*
 ,, *tem-se de gloria!* Que proezas os não tenho eu
 ,, visto fazer na extrema penuria ! ,, Sim , valo-
 rosos Portuguezes , imitai o soffrimento , e a pa-
 ciencia dos Aragonezes , e contaí com a justa re-
 compensa de hum PRINCIPE Generoso , com o
 reconhecimento da Patria , cujos votos vos acom-
 panhão , e com huma gloria , que vos fará viver
 na saudosa lembrança dos vindouros !

Vós tambem , Chefes da Nação Portugueza , de cuja actividade , sabedoria , e rectidão tanto dependem no momento actual a defenza dos Augustos Titulos do Nosso Amado PRINCIPE , e a conservação da Nossa Santa Religião ; e por is-

so a prosperidade geral da Patria, escutai os meus votos. Enlevai-vos nas grandes proezas dos nossos vizinhos, e sabei que ellas são o fructo dos profundos conhecimentos, da incansavel energia, e da sincera consagração patriotica dos Membros das Juntas Supremas, como exuberantemente o mostra o seguinte Manifesto. Alentai as esperanças, que todos temos, de correr parellas com os Hespanhoes na presente lide, e de que se possa ainda dizer de Portugal o que tão justamente se diz já da Hespanha!... „ Huma Nação, que sabe com-
 „ bater com tanta bravura, e obrar com tanta sa-
 „ bedoria e prevenção, deve ser invencivel. „ Tal
 a considerou ha mais de dous seculos o nosso grande Camões.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça alli de Europa toda;
 Em cujo senhorio, e gloria estranha,
 Muitas voltas tem dado a fatal roda.
 Mas nunca poderá com força, ou manha,
 A Fortuna inquieta pôr-lhe noda,
 Que lha não tire o esforço, e ousadia,
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.

MANIFESTO
DA
JUNTA DE SEVILHA.

A wiser, a more seasonable, a more able production never issued from any Government.

Huma obra mais sabia, mais opportuna, e mais habil já-mais emanou d'algum Governo.

Courier.

A Defesa da nossa Patria, e do nosso Rei, a das nossas Leis, nossa Religião, e de todos os direitos sagrados do homem, calcados aos pés e violados de hum modo inaudito pelo Imperador dos Francezes Napoleão I., e pelos seus Exercitos na Hespanha, tem obrigado toda esta Nação a correr ás armas, e a escolher per si mesma huma fórma de Governo. E, no meio dos obstaculos e perigos em que os Francezes a tinham lançado, todas, ou quasi todas as Provincias, como se fosse por inspiração do Ceo, e quasi á maneira de prodigio, creárão Juntas Supremas, a cuja



direcção se entregárão , e em cujas mãos depositárão os direitos , e a ultima sorte da Hespanha.

Os effeitos tem até agora correspondido mui felizmente aos projectos formados. As Provincias tem-se armado , algumas formárão já grandes Exercitos de Soldados veteranos , aos quaes reunirão os Camponezes alistados : todos , ou quasi todos hão combatido , e actualmente combatem contra os Francezes em defesa do seu Rei Fernando VII. com hum valor , e constancia , de que nem Grecia , nem Roma , nem outras Nações do mundo nos dão alguma idéa. Os Francezes estão realmente assombrados e aterrados , e as esperanças de os derrotar são tão bem fundamentadas , como as podemos haver da certeza humana.

A unica cousa , que póde destrui-las , ou mallogralas , he a desavença e a desunião das mesmas Provincias. He por isso que a Junta Suprema tem empregado os seus maiores desvélos em remover esse perigo ; e debaixo destas vistas ella fez imprimir e publicar o papel Official , intitulado *Precauções* , que já communicou de todas as fórmias possiveis a todas as Provincias da Hespanha. Agora mais que nunca cumpre não só aperfeiçoar este plano , mas tambem pô-lo em completa execução. Os nossos inimigos cuidão ardentemente em fomentar desavenças entre nós. As paixões humanas , os interesses pessoaes mal-entendidos , a ignorancia , a fraqueza , e a cegueira dos homens podem tal-

vez inadvertidamente auxiliar os malvados designios dos nossos oppressores , e desta sorte destruir hum começo tão glorioso , e por consequencia facilitar e consummar a total ruina da Hespanha. Instigados sómente pelos mais sagrados motivos , pela nossa honra , pela nossa lealdade , pelo nosso dever , e pela nossa fé , declaramos que todos os nossos cuidados tendem a desviar da Hespanha esses males ; e por isso protestamos á face dos homens e de DEOS , cujo auxilio invocamos com o maior fervor , que tão sómente escreveremos o que nos for dictado pelo amor da nossa Patria , e pela conservação do nosso Rei , e dos nossos direitos , afastando de nós todas as cousas , que nos parecerem nascer de paixão , de interesse , ou de algum outro motivo pessoal ; estando porém sempre promptos para ouvir as opiniões das outras Provincias , e para corrigir os nossos erros em tudo que se mostrar que os havemos commettido.

Seja o nosso principal cuidado evitar tudo , que não he absolutamente necessario , e que póde servir para espalhar as sementes da desunião das Provincias , e excitar divisões entre ellas : desta natureza avaliamos todas as conversações ácerca da Casa Real , e da ordem de successão nas differentes familias , que tem direito a ella. Não ha pessoa alguma tão ignorante da historia da Hespanha , e do modo , porque o Throno tem sido occupado , que não saiba as mudanças , que tem acon-

tecido na successão. Todos sabem qual he a marcha Legislativa neste ponto , qual a maneira porque se trabalhou introduzir nella huma alteração , os differentes pretextos para esta alteração , e ultimamente a final convenção feita pelas Cortes de 1789 , que devia servir de regra para o futuro.

Mas acaso estamos nós em huma situação que seja preciso fallar destas materias ? Por muito tempo viva o nosso Rei e indisputavel Soberano Fernando VII. , e por muito tempo vivão seus Augustos Irmãos , herdeiros da Coroa , depois de sua morte testificada ! Para que devemos pois anticipar estas averiguações , que sómente se tornão necessarias na falta delles ? Esta anticipação pôde produzir , por huma diversidade de opiniões , que della dimanão , huma desunião fatal , que , per si só , será capaz de arruinar totalmente o unico fim e objecto , que a Hespanha ao presente tem em vista , que vem a ser , a propria , inteira e independente conservação do seu Soberano Senhor e Rei Fernando VII. , e de seus indisputaveis Successores ; e com essa a conservação dos seus proprios Direitos e Leis , e unico culto da Santa Religião Catholica Apostolica Romana , que ella tem gloriosamente professado e defendido por tantos seculos. He portanto assim absurdo como perigoso o disputar ácerca da successão em casos evidentemente remotos. Todas as Provincias da Hespanha devem limitar-se neste respeito a esta expres-

são geral = *Successão hereditaria*, segundo as *Leis fundamentaes da Monarchia*!

Não he porém desta sorte que se deve avaliar a segunda questão suscitada pelas differentes Juntas do Reino, a qual sem dúvida conserva o povo n'hum estado de inquietação e agitação, he contínuo objecto de conversações publicas, e póde occasionar divisões nocivas ao generoso projecto, e á virtuosa obrigação de que nos havemos encarregado — de nos defendermos contra os nossos inimigos, e de conservarmos a nossa Patria, o nosso Rei, a nossa Monarchia, as nossas Leis, e a nossa Religião. Esta segunda questão versa pois sobre o seguinte — ha por ventura huma necessidade para crear hum Governo Supremo, que possa unir a authoridade soberana de todas as Provincias até á restituição do Rei Fernando ao Throno?

Esta Junta Suprema abertamente declara, que desde o principio até agora ella tem estado capacitada de que hum tal Governo Supremo he absolutamente necessario, e que sem elle a Patria corre risco, e os seus inimigos acharão meios de completar a sua ruina; e as razões desta determinação e declaração são tão evidentes, e apresentam-se aos olhos de todos com tal clareza, que ellas não podem deixar de convencer a todo e qualquer individuo, que tem a mais leve noção de negocios publicos, ou hum correcto e cabal conhecimento da natureza do homem, das paixões que o mo-

vem, e da ordem das transacções humanas em todos os seculos. Varias Juntas Supremas e Chefes Militares tem já mostrado o reconhecimento desta verdade.

Huma prova evidente disto nasce da indispensavel necessidade de hum Governo Civil em toda a Nação, ao qual a força Militar haja de ser subordinada, e cujo dever seja o olhar pela felicidade do Reino. A confiança ou fé pública da Nação, e por conseguinte os fundos públicos, e os capitaes dos particulares carecem, de necessidade, de hum Governo Civil para seu apoio. Sem elle a força Militar infallivelmente se veria na precisão de usar de violencia, com as vistas de adquirir aquella confiança, que jámais obteria, e de lançar mão da administração daquelles capitaes, que igualmente lhe seria impraticavel trazer a seu alcance; e desta sorte ella a final destruiria a prosperidade e felicidade pública, que deve ser o unico objecto de todo Governo. Não nos lisongeemos vamente com as idéas dos Dictadores Romanos, e de outros Chefes Militares das antigas Republicas; elles são collocados debaixo das mais prudentes restricções, e a duração da sua authoridade era limitada a hum periodo mui curto. Os perigos de completo despotismo e usurpação conservavão os povos em contínuo rebato, e os obrigavão a tomar precauções sobejamente rigorosas, as quaes não se casão de modo algum com os habitos dos tempos modernos. A Hespanha ha tomado huma

lição de sabedoria dos seculos passados : ella jámais pensou em nomear hum Dictador Militar. Os seus Chefes Militares , (e isto he hum facto muito honroso para o nome Hespanhol) forão os primeiros que abraçãrão de mui boa vontade hum systema de cousas tão antigo na Hespanha como a mesma Monarchia. A experiencia dos nossos tempos , — a confiança do povo nas Juntas Supremas , — a facilidade e abundancia com que meios pecuniarios tem sido postos á sua disposição , — a heroica lealdade com que os Chefes Militares e o Exercito as tem reconhecido , e lhes tem obedecido , — o feliz resultado , até ao presente , da sua Administração Civil , — e finalmente as emprezas Militares que elles tem dirigido , pondo na maior evidencia , estabelecem , fóra de toda a dúvida , esta verdade fundamental , e principio politico o mais essencial.

Mas quem deverá crear este Supremo Governo Civil ? Quaes deveráó ser os seus Membros ? Aonde terá elle a sua Séde ? Qual será a extensão da sua authoridade ? Como se poderá elle estabelecer sem interromper a tranquillidade pública , e causar desunião entre as differentes Provincias ? Como se deverá regular a opinião pública , para que sem contrastar esta , se venha a obter essa tranquillidade , e se possa obviar todo o risco de perturbação ? Eis as importantes e grayes questões que passamos a examinar ; e para este fim , levados sómente do amor da nossa Pa-

tria, e do desejo de promover a sua prosperidade, entraremos em huma ingenua exposição dos nossos sentimentos.

Em diferentes papeis, que se tem publicado a este respeito, se nos ha dito, que se devião convocar as Cortes, para que ellas houvessem de eleger Representantes; e, além disto, que o velho Conselho de Castella as devia convocar, e que toda esta marcha devia ser executada debaixo de sua authoridade.

Certissimamente não entendemos os fundamentos sobre que se apoia esta decisão. O Conselho de Castella, bem que huma Assembléa Legal, jámais convocou as Cortes. Porque, então, lhe daríamos nós huma authoridade que elle não possui? He isto acaso porque elle prestou todo o pezo de sua influencia a tão importantes mudanças, relativamente ás quaes elle nem tinha poder, nem authoridade alguma? He isso por ventura porque elle tem obrado em contraposição áquellas Leis fundamentaes, para cuja conservação e defensão elle havia sido creado? Será porque elle facilitou todos os meios ao inimigo para usurpar a Soberania da Hespanha, para destruir a successão hereditaria da Coroa, e para anniquillar a Dynastia que legalmente a possuia, e reconheceo e poz no Throno hum estrangeiro sem a mais leve sombra de direito? Porque he mais que manifesto que a renúncia de Carlos IV, a seu favor lhe não deo titulo algum? Que confiança

poderia ter a Nação Hespanhola em hum Governo creado por huma authoridade inválida , e illegal , e que até se tem tornado suspeitosa , por haver d'ante-mão commettido actos de huma tão horriyel natureza , que com sobeja justiça se podem julgar iguaes aos mais atrozes crimes contra a Patria ?

O Conselho de Castella ficando desta sorte excluido de toda a consideração. — Quem deve convocar as Cortes ? A authoridade para as convocar he huma parte da prerogativa particular e exclusiva do Rei. As Provincias não se sujeitarião a alguma outra authoridade ; ellas não se unirião ; por tanto não haveria Cortes : e dado o caso que alguns delegados se ajuntassem , essa mesma circumstancia exporia o Reino a divisões , — mal que todos desejão evitar.

Demais , as Cidades que tem votos nas Cortes nemprehenderão a defesa do Reino , nem de si mesmas , nem se quer tem feito esforço algum para defender os seus privilegios municipaes. Nós somos penetrados do mais profundo respeito , assim por ellas , como pelos seus direitos ; todavia a verdade manda que digamos singelamente os nossos sentimentos.

Com tudo , as Cidades que tem votos em Cortes , em se portarem deste modo , mostrarão , não só consummada prudencia , mas até huma justa observancia de Lei. O Reino achou-se subitamente sem Rei , e sem Governo , huma situação por certo desconhecida em a

nossa historia e das nossas Leis. O povo legalmente tornou a tomar o poder de nomear hum Governo ; e esta verdade ha sido abertamente asseverada pelas diferentes Juntas Supremas. O povo creou estas Juntas sem ter em contemplação as Cidades que tem votos nas Cortes. O Legitimo poder está por tanto depositado nas ditas Juntas ; e , em virtude desse poder , ellas tem governado e governão com verdadeira authoridade , e tem sido e ainda são reconhecidas , e obedecidas por todas as ordens de Vassallos , e por todas as Cidades nos seus respectivos districtos , ainda das que tem votos em Cortes. A sua situação não tem mudado ; o perigo ainda existe ; nenhuma authoridade nova consta até agora que sobreviesse ; a authoridade Legal , por tanto , reside toda inteira nas Juntas , que o povo creou , e ás quaes sómente a confiou.

He , por tanto , incontrastavel que as Juntas Supremas tem direito unico e exclusivo de eleger os que devem compôr o Governo Supremo , como unico meio capaz de proteger e conservar o Reino , cuja defenza o povo lhes tem confiado , e a qual se não póde effeetuar senão pela creação desse Governo. Nada ha mais evidente do que esta verdade.

E a quem elegerão as Juntas Supremas ? Sem dúvida individuos dos seus proprios corpos ; por que só elles tem recebido o poder do povo , e nos seus membros he que elle tem collocado a sua inteira confiança.

Se algumas outras pessoas fossem escolhidas, ellas não possuirião, nem a confiança, nem o consentimento do povo; e todos os seus actos serião nullos e vãos; e, em razão desta falta de confiança, a Nação ficaria exposta a discordias intestinas, o maior de todos os flagellos.

He por isto que, ainda no caso de haver algumas Provincias, em que só o poder Militar tenha dominado, he absolutamente necessario crear nellas Juntas Supremas, em que o poder do povo resida, e pelo qual ellas possam obrar. Quer ellas sejam creadas pelas Cameras, quer por alguns outros Corpos, a sua nomeação de qualquer fórma se torna indispensavel, para o fim de concentrar o poder Legitimo do povo, e estabelecer hum Governo Civil, que possa inspirar confiança geral, procedendo desde logo á escolha das pessoas, que o devem compôr, o qual, nas actuaes circumstancias, não pôde ser Legitimo, ao menos que não deduza a sua origem do livre consentimento do povo.

He pois indispensavelmente necessario, que cada huma das Juntas Supremas, reunindo-se todas em hum mesmo dia, passe a eleger dentre os seus membros dous Deputados para formar o Governo Supremo; e os individuos assim eleitos devem, desde logo, ficar tidos e havidos por Governadores Geraes do Reino; e como taes devem ser universalmente reconhecidos e obedecidos.

Accrescentaremos sómente , que as Juntas Supremas , devem continuar nos seus empregos e funcções , e ficar encarregadas dos Governos internos das suas respectivas Provincias , até á conclusão do presente estado de cousas , porém sempre debaixo de huma devida subordinação ao Governo Supremo. Naquellas Juntas reside o poder Legitimo daquellas porções de povo que as tem respectivamente creado. Será do seu dever tomar as medidas necessarias para firmar a felicidade dos seus constituentes , exercendo hum Governo justo , e protegendo e defendendo com a maior vigilancia os direitos de todo o individuo pertencente á sua jurisdicção. Para este fim devem ellas dar as instrucções necessarias aos seus respectivos Deputados , que fórmao parte do Governo Supremo : e será do dever destes o expô-las , e representar e apoiar as pertençaes das suas Provincias tanto , quanto possa ser compativel com a prosperidade geral.

Se entre nós houvesse huma Personagem Real , capaz de presidir neste Governo Supremo , a razão e a justiça pedião que ella , e nenhuma outra , fosse nomeada para esse emprego. Mas não havendo huma tal Personagem , o Governo Supremo deverá eleger hum de seus membros para Presidente. Para afastar , porém , todo o perigo , a presidencia deve ser temporaria , e durar só por quinze dias , hum mez , ou aquelle tempo que melhor parecer ao Governo Supremo , ao

cabo do qual cumprirá , que elle haja de escolher outro membro differente.

Já havemos notado , e he desnecessario repeti-lo , que as Juntas Supremas deveráo eleger para Deputados do Governo Supremo , d'entre os seus membros , os que forem mais abalizados em talentos , e em conhecimentos vastos de Legislação , e de todos os ramos de administração e governo público , lembrando-se de que elles vão a ser os depositarios das esperanças do Reino. Esta Suprema Junta , penetrada da mui firme confiança que tem no generoso character Hespanhol , e outrosim no ardente apego de todos os membros das differentes Juntas ao bem da sua Patria , se persuade que nem a intriga , nem o espirito de partido , nem interesses ou predilecções pessoaes terão influencia alguma nesta occasião.

As Juntas Supremas passaráo quanto antes a nomear o lugar que deve ser a Séde do Governo Supremo , o qual , no futuro , ou estará por essa nomeação , ou a poderá alterar , como bem lhe parecer , segundo a pluralidade de votos. A Séde do Governo , como a Junta Suprema de Valença já mui judiciosamente observou , deve ser a huma proporcionada distancia de todos os perigos da guerra , e , de todos os lugares que se acharem nestas circunstancias , se deverá preferir aquelle que igualmente possuir outras vantagens de huma natureza local. Sevilha parece ter todos estes dados ;

mas nem por isso presumirá de ser eleita; porque ella de mui boa vontade sacrificará todas as suas pertencções ao que as outras Juntas Supremas decidirem ser mais apto para a prosperidade geral do Reino. As Juntas Supremas, por tanto, farão conhecer a sua vontade neste particular, quando publicarem a eleição dos seus Deputados. Entretanto diremos francamente que *la Mancha* nos parece mui conveniente para a Séde do Governo, e aqui se poderia escolher qualquer das suas grandes Cidades = *Ciudad Real*, ou *Almagro*. Porém não mostraremos neste ponto a mais leve inclinação; e antes sim deixamos isso á livre escolha das Juntas Supremas.

Resta sómente que fallemos desta Junta Suprema de Sevilha, a cujo respeito não diremos muito. Certas pessoas ou ignorantes, ou malevolas, tem procurado espalhar a persuasão de que nós ostentavamos huma superioridade sobre as outras Provincias. Hum pensamento tal jámais nos ha occorrido, posto que o bem geral da Nação tenha sido a nossa guia, e como que fosse a alma de todas as nossas determinações. Nós possuimos a unica fundição de artilheria no Reino, e tinhamos armas e munições em bastante quantidade. Diversos Capitães Generaes nos reconhecerão desde o principio, e as Tropas veteranas erão mais numerosas em a nossa Provincia do que nas outras; e por isso havemos formado hum Exercito com mais presteza, e temos perseguido o inimigo, que em parte se tem ren-

dido prisioneiro de guerra , como o General Dupont , e em parte ha capitulado , como as Divisões dos Generaes Vedel e Gobert , que vão ser conduzidas para França , montando toda a perda a mais de 17:000 homens ; de tal sorte que não ha já hum só soldado Francez em armas nas Andaluzias ; huma victoria por certo mui gloriosa e singular , que tem sido alcançada sem se darramar muito sangue Hespanhol , e na qual nós sómente havemos figurado.

A situação local das Andaluzias nos offerece tambem hum modo de defesa mais seguro contra as armas de Napoleão , se elle intentar atacar-nos ; e debaixo destas vistas já se nos unirão as Provincias Portuguezas do Algarve e Alemtéjo , as quaes se tem posto debaixo da nossa protecção ; e as Ilhas Canarias nos enviárão já hum Deputado para o mesmo fim.

A maior opulencia , e outras circumstancias particulares destas provincias nos facilitão meios de que as outras carecem ; e por isso temos podido occorrer a immensas despezas , sem havermos recebido dinheiro de alguma outra parte , nem posto contribuição alguma. O Arsenal de Marinha da Ilha de Leão , talvez o mais consideravel de todos , nos obedeceo desde o principio , e com elle a Esquadra Hespanhola de Cadis , cuja força he a maior , e a qual foi depois augmentada pela Esquadra Franceza , que naquelle porto se nos ha rendido á discrição.

Gibraltar , a famosa fortaleza Ingleza , está situada em o nosso territorio , e huma das mais numerosas armadas dessa Nação tinha a nossa Costa n'hum estado de bloqueio. Nós , por tanto abrimos , sem perda de tempo , communições com aquella fortaleza , e com a armada Ingleza , e desta temos recebido todo o auxilio que estava em seu poder , mandando-nos , logo a principio , hum Ministro residente , e conduzindo os nossos Deputados a Londres para o fim de pedirem subsidios , e ajustarem huma paz vantajosa a ambas as Nações.

No meio de tão importantes acontecimentos temos mandado para Granada todas as armas que podémos. A Estremadura recebeo ainda hum maior número , e experimentou a nossa protecção ; o que aconteceu igualmente a Cordova e Jaen. Temos mandado tambem armas para *la Mancha* , *Murcia* , *Tarragona* , e para a *Gerona* , que no-las pedirão , e havemos praticado todos os esforços para preencher as promessas que tinhamos feito.

Não nos havemos esquecido do resto das Provincias e Reinos Europeos , e confiamos que ainda hum dia apparecerão e serão públicos o nosso zelo , e os nossos desvélos.

As Americas , logo do principio nos merecerão grande attenção , para que se podesse conservar aquella tão importante parte da Monarchia Hespanhola. Man-

Uamos Enviados e Commissarios para ali , e para a Asia , para que se houvessem de unir connosco , o que não podiamos fazer sem nos qualificarmos como Junta Suprema do Governo da Hespanha e das Indias , e confiamos que este titulo e os nossos cuidados não serão inuteis. Tantos trabalhos , cercados por tantos perigos , devemos esperar que mereção alguma consideração da nossa Patria , por cujo amor e defesa havemos trabalhado e soffrido tanto.

Apezar de tudo isto , tornamos a dize-lo , nem ostentamos , nem desejamos superioridade alguma. Tudo quanto temos feito sómente o olhamos como divida nossa para com a Patria. O nosso unico objecto he que a Hespanha possa conservar a sua integridade e independencia , a favor do nosso Rei Fernando VII. , e por esse objecto sacrificaremos de mui boa vontade as nossas vidas. Praza a Deos , que tão clara e maravilhosa-mente ha mostrado o seu auxilio á Hespanha , que vejamos voltar a salvo o nosso amado Rei Fernando VII. , e então , com o Governo Supremo , elle determinará qual seja a sua Real Vontade , ou de convocar Cortes , ou de apontar outros meios que a sua prudencia possa suggerir , e assim facilitar a refórma de abusos , e cuidar na felicidade geral do Reino , firmando-a em bases sólidas , e que não possam ficar sujeitas a mudanças.

Se estas esperanças , com que a clemencia de Deos nos parece acenar , forem mallogradas ; então o Go-

verno Supremô existente resolverá per si mesmô o que for mais proprio ao interesse do Reino , conformando-se com as suas Leis fundamentaes , defendendo-o contra a furia , e má vontade dos nossos inimigos , e conservando esta Monarchia , na qual a liberdade das Nações , e a Igreja Catholica , a amada Esposa de Nosso Senhor JESU Christo , tão altamente se interessão.

Palacio Real de Sevilha

3 de Agosto de 1808.

Assignados - *Francisco Saavedra*. Arcebispo de Laodicea , &c. &c.